



UN NUEVO TIEMPO DE BÚSCA

EL
CÓDIGO DA VINCI
SE PAREMOS
LOS HECHOS
DE LA
FICCIÓN

O CÓDIGO DA VINCI: Como Separar Fatos da Ficção

CONTEÚDO

“Por Favor, me Ajudem”	2
Qual é a Verdade?	3
Separando os Fatos da Ficção	28
Examine os Espíritos . . .	31

Publicado em Março de 2003, o livro *O Código da Vinci*, de Dan Brown, estava rapidamente na lista dos livros mais vendidos, do jornal *The New York Times*. Um ano depois, foi declarado como best-seller em 100 países. Doubleday, sua editora, chamou-o de “a obra para adultos mais vendida em todos os tempos”.

Por que tanto interesse? O autor afirma ter dado ao mundo uma teoria fictícia de conspiração, porém baseada em fatos, alegando “evidências científicas de que o Novo Testamento é falso”.

Como uma leitura cativante, porém baseada fatos históricos falsos, não é algo que nos deva perturbar, pedimos ao editor de pesquisas de RBC, Dennis Fisher, para nos ajudar a separar os fatos da ficção.

Martin R. De Haan II

“POR FAVOR, ME AJUDEM!”

O e-mail chegou ao nosso escritório transmitindo um sentimento de necessidade urgente.

Estimada RBC,

“Eu já não sei mais a quem me dirigir. Peço a Deus que vocês possam me ajudar.

Eu comecei a ler o livro de Dan Brown, intitulado O Código da Vinci. Foi uma leitura interessante até chegar na parte onde ele fala como o cristianismo começou, como ele é falso e como o cristianismo é, basicamente, uma mentira roubada das religiões pagãs. As sociedades secretas, o Santo Graal e a igreja mudaram os fatos e removeram partes da Bíblia. Tudo isso é verdade?

Muitas coisas fazem sentido. Algumas coisas já tinha ouvido anteriormente e ignorado, mas agora eu preciso saber com certeza. Será que os mais de 25 anos

que tenho sido cristã foram todos uma mentira? Jesus foi somente um homem? Isso tudo aconteceu? Ele foi casado com Maria Madalena? Tudo o que me ensinaram foi algo inventado, e por causa do dinheiro? Eu preciso saber.

Eu não sei mais a quem me dirigir. Agora tenho dúvidas se existe um céu, um Deus e Jesus. Por favor, ajudem-me! Por favor, em nome de Deus, ajudem-me. Estou com o coração partido, confusa e chorando em silêncio”.

A reação desta pessoa não é nada surpreendente. O Código da Vinci tem uma linha literária que faz com que seja difícil saber onde a verdade começa e onde termina. Embora tenha sido escrito como um romance esta obra de conspiração, mistério e morte, reivindica estar fundamentada em fatos históricos pesquisados seriamente, fatos que contradizem o cristianismo histórico.

QUAL É A VERDADE?

A obra de Dan Brown, *O Código da Vinci*, começa com o assassinato de Jacques Saunière, um curador do Museu do Louvre, em Paris. Quando está para morrer, Jacques ouve seu assassino dizer: “Quando você morrer, eu serei o único a saber a verdade”.

A verdade. Em um instante, o curador percebeu o verdadeiro horror da situação. Se eu morrer, a verdade se perderá para sempre (p.12).

Com uma bala alojada em seu estômago, o curador foi tomado por . . . um medo muito maior do que o medo da própria morte. Preciso passar o segredo adiante . . . Ele pensou nas gerações que vieram antes . . . na missão que havia sido confiada a todos. Uma cadeia ininterrupta de conhecimento. De repente, agora, apesar de todas as precauções . . .

apesar de todos os dispositivos à prova de falhas . . . Jacques Saunière era o único elo que restava, o único guardião de um dos mais poderosos segredos jamais guardados. Tremendo, obrigou-se a ficar de pé. Eu preciso encontrar uma maneira . . . (p.13).

Qual é o enredo de *O Código Da Vinci*?

A história complexa de *O Código Da Vinci* é um relato de intriga e conspiração.

Quando estava em Paris a negócios, um professor da Universidade de Harvard, chamado Robert Langdon, recebe um telefonema urgente. O curador do museu de arte do Louvre foi encontrado assassinado. A polícia ficou confusa por causa de uma mensagem cifrada, deixada pelo homem assassinado e escrita com o seu próprio sangue. Langdon segue os rastros desse mistério, os quais o levam a descobrir pistas deixadas nas obras de

Leonardo Da Vinci. Ele busca a ajuda de uma criptógrafa francesa, Sophie Neveu, neta de Saunière e, juntos, descobrem que o curador morto fazia parte de uma sociedade secreta, o Priorado de Sião, cujos membros incluíam Isaac Newton, Victor Hugo, e Leonardo Da Vinci. Nos bastidores a Opus Dei, uma organização leiga católica, está envolvida numa conspiração para evitar que um antigo segredo, o Santo Graal, fosse descoberto, segredo que o Priorado de Sião ocultou por séculos. Se fosse descoberto, abalaria os fundamentos da igreja e da fé que ela proclamou por milênios.

O enredo de Dan Brown adquire força pelo conhecimento que o público tem dos escândalos passados e presentes da igreja e a obra tem sido recomendada, por críticos prestigiosos, como uma leitura boa e provocativa. O *Library Journal* elogia

O *Código Da Vinci* como “uma combinação convincente de história e suspense”.

Por que alguns leitores ficam abalados com essa obra?

No centro da controvérsia estão as supostas revelações que o livro faz sobre a igreja histórica e a Bíblia. Como os seguidores de Cristo fundamentam suas vidas na Bíblia, *O Código Da Vinci* toca num nervo sensível quando seu suposto perito declara: “A igreja tem dois mil anos de experiência em pressionar os que ameaçam revelar suas mentiras. Desde a época de Constantino, a Igreja vem conseguindo esconder a verdade sobre Maria Madalena e Jesus. Não deveríamos nos surpreender se agora, uma vez mais, ela encontrou uma forma de manter o mundo mergulhado nas trevas da ignorância” (p.379).

Brown reivindica ter evidências antigas de que

Jesus não foi Deus-homem como a igreja o descreve. Em lugar disso, o “perito” em romances descreve a Jesus como um simples homem que teve um filho com Maria Madalena e que deu a ela a responsabilidade de liderar seus discípulos, depois que ele se fosse.

A fonte dessas alegações é uma coletânea de antigos evangelhos gnósticos, encontrada em Nag Hammadi, Egito, em 1945. *Os Livros Secretos de Tiago* e *O Evangelho de Tomé* são apenas dois desses documentos que refletem a antiga filosofia do Gnosticismo.

Desde os primórdios da igreja cristã, os gnósticos ensinaram um ponto de vista diferente a respeito de Jesus. Eles diziam ter um “conhecimento secreto” necessário para se conhecer a verdade a respeito de Deus.

No que concerne aos ensinamentos do Gnosticismo do segundo século, uma fonte moderna diz:

Do ponto de vista do Cristianismo tradicional, o pensamento gnóstico é muito estranho. A ambientação mitológica da redenção conduz a uma depreciação dos eventos históricos da vida, morte e ressurreição de Jesus. Sua visão quanto ao relacionamento do homem com Deus nega a importância da pessoa e da obra de Cristo. Num contexto gnóstico, a “salvação” não é compreendida em termos de libertação do pecado, mas como uma forma de auto-realização existencial (*The New Bible Dictionary*).

Embora os evangelhos gnósticos sejam escritos do segundo e terceiro séculos, *O Código Da Vinci* os considera como os “livros perdidos da Bíblia” que apresentam a verdadeira imagem de Jesus e de seus ensinamentos. Conhecimento secreto, adoração de deusas e auto-divinização emergem

como uma teoria alternativa para os registros históricos da Bíblia.

Por que os Evangelhos Gnósticos foram excluídos da Bíblia?

Existem muitas razões pelas quais os evangelhos gnósticos não foram incluídos na Bíblia. Os líderes da igreja primitiva, por meio de algumas perguntas básicas, encontraram uma maneira consensual de determinar quais os documentos cristãos eram inspirados ou não: foram escritos por um apóstolo de Cristo ou por alguém que teve um contato direto com os apóstolos? Os escritos em questão receberam uma ampla aceitação por serem coerentes com os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos? Os escritos possuem as marcas e o poder espiritual da verdade?

Nenhum dos evangelhos gnósticos alcança o padrão de documentos confiáveis, como o Novo Testamento. Em vez de

serem coerentes com os primeiros e mais fidedignos relatos das testemunhas oculares, em vez de se apoiarem sobre os fundamentos das Escrituras judaicas, os evangelhos gnósticos refletem uma cosmovisão que é estranha tanto para Antigo, como para o Novo Testamento.

Por que tantos tomam O Código Da Vinci tão a sério?

Nas páginas iniciais de *O Código Da Vinci*, o autor reivindica: *“Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos nesta obra correspondem rigorosamente à realidade”*. Além disso, Brown apresenta uma longa lista de créditos que dão a impressão que todas essas fontes prestigiosas e instituições colaboraram com ele na sua pesquisa.

Como muito do enredo e desenvolvimento do tema dependem da afirmação de Dan Brown

ter realizado uma pesquisa acurada com relação a pessoas, tempos e lugares, é fácil para o leitor presumir que o pano de fundo de *O Código Da Vinci* é confiável. Pelo fato dos heróis da obra serem “pesquisadores da verdade”, eles parecem nos levar a um nível superior, como disse um professor de Harvard: “*Sou historiador. Sou contra a destruição de documentos e adoraria ver os estudiosos de religião terem mais informações referentes à excepcional vida de Jesus Cristo*” (p.321).

Esta aparente paixão pela verdade também é expressa por um outro herói do livro, um pesquisador chamado Teabing, que faz afirmações como esta: “*Trata-se de uma questão de registros históricos . . . E Da Vinci certamente sabia disso. A Última Ceia praticamente proclama àqueles que a contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal. O casamento de Jesus e*

Maria Madalena é parte do registro histórico” (p.231).

Entretanto, olhando mais de perto, a afirmação do livro de estar baseado em fatos, não se sustenta. Richard Abanes, em seu livro *The Truth Behind The Da Vinci Code* (A Verdade Por Detrás do Código da Vinci), escreve:

A maioria dos críticos reconheceria o direito que Brown tem de dizer o que quiser. Contudo, é problemática a maneira como ele, a editoradora e a mídia tem apresentado *O Código Da Vinci* como sendo uma obra baseada em fatos, na qual os personagens revelam verdades que estavam escondidas há muito tempo ou, pelo menos, eram ignoradas pelo público em geral.

Essa observação é importante porque Brown insistiu repetidas vezes que sua obra está baseada em fatos. Durante uma entrevista, ele disse:

Uma das muitas qualidades que faz com que *O Código Da Vinci* seja uma obra única é a natureza factual da história. Toda a história, obras de arte, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade, bem como os códigos secretos revelados em algumas das pinturas mais famosas de *Da Vinci*.

É isso o que faz *O Código Da Vinci* ser tão enganador. Ele reivindica ser uma descrição precisa da história, mas o livro é uma mistura hábil e sedutora de fatos e ficção.

O Código Da Vinci pode ser considerado como ficção histórica?

Ficção histórica é um gênero literário no qual personagens fictícios vivem fatos reais e conhecidos.

Na obra *Usando Ficção Histórica nas Classes de História*, Sarah K. Herz escreve:

O autor de ficção histórica, a fim de dominar a sua arte, deve combinar, com imaginação e criatividade, os fatos históricos. Precisa ser um mestre do passado de modo a retratar com precisão idéias, atitudes, tendências e temas e, então, tecer a sua história —precisa em todos os seus detalhes— em materiais temáticos . . . Os historiadores e romancistas diferem muitas vezes, em seu ponto de vista, com relação ao romance histórico e seu propósito. Todavia, ambos concordam que o escritor de ficção histórica não deve distorcer a realidade do passado. O escritor não deve manipular fatos históricos a fim de tornar o romance mais interessante ou emocionante (*Yale – New Haven Teachers Institute*). Segundo essa definição, *O Código Da Vinci* deveria desenvolver o seu enredo com integridade histórica. Quando questionado diante destes

fatos, o autor não pode simplesmente dizer: “É apenas um romance”, pois tal posicionamento coloca o leitor num mundo esquizofrênico de fatos e ficção.

Dan Brown escreve uma “história alternativa”, sem dar ao leitor a possibilidade de ver onde os fatos reais começam e onde terminam. Eruditos literários poderão ver a diferença, mas a média dos leitores provavelmente não.

Vamos ver como *O Código Da Vinci* lida com elementos que, na obra, são apresentados como sendo fatos reais.

As afirmações do livro sobre o Santo Graal, o Priorado de Sião e Os Cavaleiros Templários, são históricas? Conforme *O Código Da Vinci*, o lendário Santo Graal não é o cálice usado na Última Ceia de Cristo. Em vez disso, Brown usa seus “peritos” para sugerir que o verdadeiro Santo Graal é uma pessoa, Maria Madalena,

que continuou a linhagem de Jesus Cristo, tendo um filho seu. O livro também alega, como um fato histórico, a existência de uma fraternidade secreta chamada de O Priorado de Sião, que por séculos manteve em segredo o relacionamento de Jesus com Maria. Maria Madalena, segundo esse best-seller, representa o aspecto feminino de Deus (“o sagrado feminino”) —amado por Jesus, mas negado pela igreja por centenas de anos.

Os Cavaleiros Templários também são incluídos entre os protetores do segredo, mas todos foram banidos pela igreja.

O Santo Graal e o Priorado de Sião são somente dois dos muitos “fatos” que devem ser submetidos a um “teste da verdade” histórico.

O Santo Graal é uma lenda medieval sobre o cálice da Última Ceia. A primeira vez que apareceu o termo “Santo Graal” foi em 1170 em

Percival, uma obra romântica sobre a lenda do Rei Artur e seu reino de Camelot (região da Inglaterra). Quando Brown dá a entender que O Santo Graal não é um cálice, mas Maria Madalena, que continua a descendência de Jesus tendo um filho seu, ele altera uma lenda sobre o histórico “cálice de Cristo” e o usa para promover idéias fictícias sobre Jesus e Maria.

O Priorado de Sião também está baseado em fatos, mas não como Brown o apresenta. Este título foi usado em três ocasiões distintas. Primeiro, tratava-se de uma ordem monástica, fundada em Jerusalém em 1100 e que foi incorporada pelos Jesuítas, em 1617.

O segundo e terceiro Priorado de Sião estiveram sob a liderança de Pierre Plantard (1920–2000), um francês anti-semita que foi para a prisão em 1953, por causa de fraude. Em 1954, Plantard formou um grupo chamado de O Priorado

de Sião, a fim de ajudar pessoas que necessitavam moradias de baixo custo. O grupo se dissolveu em 1957. Então, nas décadas de 1960 e 1970 ele forjou uma série de documentos para “provar” a existência de uma descendência de Jesus e Maria, que, passando pelos reis da França, chegava até ele (desta forma reivindicando ser um herdeiro legal do trono). Ele e seus parceiros se auto-denominaram de O Priorado de Sião e depositaram esses documentos forjados em bibliotecas por toda a França, inclusive na Biblioteca Nacional.

Todavia, em 1993, Plantard admitiu, sob juramento, a um juiz francês que ele inventou todos os documentos que se relacionavam ao Priorado de Sião. O juiz o advertiu severamente e o dispensou como um excêntrico inofensivo (www.priory-of-sion.com).

Os Cavaleiros Templários tem também uma base

histórica, porém, uma vez mais, não como está retratado em *O Código Da Vinci*. Esta ordem religiosa-militar foi fundada em 1118 e não se tornaram ricos, como se alega na obra, por terem descoberto o segredo do Santo Graal. E não há evidências de que foram aniquilados por terem conhecimento do mesmo.

Foram Da Vinci e Isaac Newton membros do Priorado de Sião?

O significado do Priorado de Sião é reforçado no enredo de *O Código da Vinci*, ao reivindicar uma conexão, pouco conhecida, entre ele com gênios como Leonardo Da Vinci e Isaac Newton. Todavia, uma vez mais, Brown baseia essas afirmações em um dos documentos forjados de Plantard, chamado Les Dossiers Secrets d'Henri Lobineau (Os Registros Secretos de Henri Lobineau). Embora um juiz francês tivesse conseguido fazer com que

Plantard admitisse o seu trote, Dan Brown usa esses “registros secretos” como se fossem verídicos.

Esses fatos são importantes para os leitores de *O Código Da Vinci*. Se não existem evidências confiáveis de que Leonardo Da Vinci e Isaac Newton estavam secretamente envolvidos no Priorado de Sião e se existem somente evidências de que O Priorado de Sião foi criado de forma fraudulenta para guardar “o segredo de Maria Madalena”, então outras afirmações factuais de *O Código Da Vinci* também precisam ser analisadas cuidadosamente.

Deixou Da Vinci indícios das suas crenças nas suas obras de arte?

Os personagens principais de Dan Brown —Robert Langdon, Sophie Neveu e Leigh Teabing, são peritos na decifração de códigos e interpretação de símbolos.

Este é uma das partes mais convincentes da obra. O livro destaca, acertadamente, que Leonardo era conhecido por ter usado textos reversos (que podiam ser lidos com o uso de espelhos) para algumas de “suas teorias avançadas sobre astronomia, geologia, arqueologia e hidrologia” (p.283). Entretanto, seus “segredos” eram, provavelmente, mais científicos do que religiosos. Leonardo foi um dos cientistas da Renascença que tinha que tomar muito cuidado para não despertar suspeitas de que suas teorias estavam em contradição com a doutrina da igreja sobre a criação.

Brown, contudo, usou o fato de Da Vinci ter escrito artigos científicos no estilo reverso, para sugerir que ele também deixou indícios de suas crenças religiosas secretas nas suas obras de arte, as quais, se conhecidas, teriam mudado a aceitação pública de suas obras. Em *O Código Da*

Vinci, o grande artista é retratado como um adorador de deusas, que deixou pistas nas suas obras para nos fazer saber que seu ponto de vista com relação a Cristo não coincidia com os ensinamentos da igreja.

Mas são estas afirmações dignas de crédito? Críticos de arte, que não têm nenhum interesse em defender a igreja, rejeitaram essa idéia. Autoridades do mundo da arte crêem que “as pistas escondidas” da fé secreta de Leonardo existe somente na imaginação daqueles que querem fazer com que uma teoria conspiratória se torne plausível. (veja Bruce Boucher, “Does The Da Vinci Code Crack Leonardo?” *The New York Times*, 03/08/2003; Sian Gibby, “Mrs. God”, *Slate* 03/11/2003)

A descrição do livro sobre a organização católica, conhecida como Opus Dei, é exata? Anteriormente, em

O *Código Da Vinci*, uma “alma torturada” conhecida como Silas, é apresentada como um assassino devoto que fazia a “a obra do Senhor”. Descobre-se que Silas é um membro do Opus Dei. Ele usava um cinto cheio de pontas para se mortificar e estava disposto a silenciar (matar) todos os inimigos da sociedade secreta.

Brown começa seu livro, afirmando um fato: *“A prelazia do Vaticano, conhecida como Opus Dei, é uma organização católica profundamente conservadora, que vem sendo objeto de controvérsias recentes, devido a relatos de lavagem cerebral, coerção e uma prática perigosa conhecida como “mortificação corporal”. A Opus Dei acabou de completar a construção de uma Sede Nacional em Nova York, ao custo de aproximadamente 47 milhões de dólares”*.

Mais uma vez O *Código Da Vinci* alega ter descoberto

“segredos” sobre a igreja.

A verdade é que o genuíno Opus Dei é uma organização católica secular que enfatiza a piedade e as boas obras. Seu fundador, Josemaría Escrivá, nasceu em Babastros, Huesca, Espanha, em 1902 e criou a Obra (ou Opus Dei, “a obra de Deus”, como se tornou conhecida mais tarde) a fim de dar mais poder aos leigos, em vez de apenas ao clero.

As características do Opus Dei são a auto-renúncia e as boas obras sacrificiais dentro do contexto da Igreja Católica Romana. Mas a sua descrição em O *Código Da Vinci*, como sendo uma organização que tem o propósito de encobrir os documentos do Priorado de Sião, é pura falsificação. Como já observamos anteriormente, a afirmação de que o Priorado de Sião existe para manter o segredo do relacionamento de Jesus com Maria, não tem valor nem evidências.

Até que ponto a igreja deixou de valorizar a mulher?

Conforme O Código Da Vinci, “os poderosos dos primórdios da Igreja Católica ‘traíram’ o mundo, propagando mentiras que desvalorizavam o feminino, fazendo a balança pender para o lado masculino . . . Constantino e seus sucessores do sexo masculino conseguiram converter o mundo do paganismo patriarcal para o cristianismo patriarcal através de uma campanha de demonização do sagrado feminino” (p.121-122).

Além disso, O Código Da Vinci fala da Inquisição Católica e das suas vítimas afirmando que elas “incluíam todas as professoras, sacerdotisas, ciganas, místicas, amantes da natureza, coletoras de ervas e qualquer mulher ‘que fosse suspeita de sintonizar-se com o mundo natural’. As parteiras também eram perseguidas e mortas por sua prática herética do uso do

conhecimento médico para evitar as dores do parto” (p.122).

É de conhecimento público que os seguidores de Cristo nem sempre trataram as mulheres com o amor e respeito que o próprio Jesus mostrou às mulheres que o seguiram. Mas a verdade é que os grupos perseguidos enumerados por Brown, não o eram somente por causa de seu sexo. A Inquisição visava homens e mulheres —sacerdotes, freiras, artistas, vagabundos errantes e inimigos políticos, entre outros.

As afirmações de O Código Da Vinci sobre a não valorização das mulheres pela igreja, estão corretas, e estão apenas porque os seguidores de Cristo perderam o espírito das suas próprias Escrituras e de seu líder. Por 2.000 anos, a Bíblia tem admoestado seus leitores para abandonarem, não somente os cultos da fertilidade e da adoração às deusas das religiões pagãs, mas também para rejeitarem a

cultura patriarcal que trata as mulheres como servas, objetos sexuais ou como propriedade. Embora o espírito da cultura da época muitas vezes tivesse se infiltrado na igreja, o tratamento que Jesus deu às mulheres e o ensinamento do apóstolo Paulo de que os maridos devem amar as suas esposas como Cristo amou a igreja, tem transformado os corações dos homens que estão abertos ao Espírito de Cristo (Efésios 5:25).

Por causa dessa influência, em muitas culturas, a igreja elevou a posição da mulher de “propriedade legal” a um relacionamento de “co-herdeiras em Cristo” (1 Pedro 3:7).

Alguma vez Maria Madalena foi cultuada como deusa? Conforme *O Código Da Vinci*, Jesus queria que Maria Madalena restaurasse na igreja o conceito do “sagrado feminino”.

Robert Langdon, simbologista de Harvard, explica: *“O Santo Graal representa o sagrado feminino e a deusa, o que, naturalmente, se perdeu nos dias de hoje, praticamente eliminado pela Igreja. O poder da mulher e sua capacidade de gerar vida já foi muito sagrado, mas ameaçava a ascensão da igreja Católica predominantemente masculina, de forma que o sagrado feminino foi demonizado e considerado impuro”* (p.226-227).

Com essa lógica e com os documentos gnósticos do segundo século, Brown elabora o seu argumento de que Jesus não somente tomou Maria Madalena como esposa, mas planejou fazer dela a fundadora da sua igreja (p.240).

Tudo isso, entretanto, contradiz o que muitos eruditos consideram como os registros mais antigos e mais fidedignos. O retrato de Maria Madalena no Novo Testamento contrasta

fortemente com a visão que Dan Brown tem dela. De acordo com o Evangelho de Marcos, Jesus a libertou de sete demônios (16:9). Grata por ter sido liberta, ela se tornou uma seguidora que, junto com muitos outros, davam suporte financeiro a Jesus e seus discípulos (Lucas 8:1-3). Ela foi uma testemunha da crucificação, do sepultamento e da ressurreição de Cristo (Mateus 27:55-56; Marcos 15:40). O evangelho de João diz que Maria foi a primeira a ver Jesus depois da sua ressurreição (João 20:11-18).

Em suma, o Novo Testamento apresenta um quadro honroso de Jesus e Maria que está acima de qualquer suspeita. O relacionamento deles é coerente com o de uma mulher que, junto com os outros discípulos, seguiram um homem que podia curar paralíticos, caminhar sobre a água e transformar água em vinho. Os relatos dos

Evangelhos de sua amizade são caracterizados por uma reserva e por um relacionamento espiritual que não sugerem nenhum envolvimento romântico.

Todavia, apesar das evidências históricas de que Maria Madalena foi uma dos muitos seguidores que testemunharam os milagres e a vida inigualável de Cristo, *O Código Da Vinci* retrata um relacionamento romântico que leva ao casamento e a um filho.

Jesus e Maria Madalena casaram e tiveram um filho?

Embora o Novo Testamento nunca diga de forma explícita que Jesus permaneceu solteiro, ele dá evidências indiretas de que Jesus, ao contrário de seus apóstolos e irmãos, nunca casou. O apóstolo Paulo escreveu mais tarde na primeira carta aos Coríntios: “Não temos nós o direito de

levar conosco uma esposa

crente como fazem os outros apóstolos, os irmãos do Senhor e Pedro?” (1 Coríntios 9:5). Se Jesus tivesse casado, Paulo o teria incluído na lista.

Porém a evidência de que Jesus viveu uma vida de solteiro, devotado à sua missão, não transparece em *O Código Da Vinci*. De fato, o que um dos principais personagens diz é que “quase tudo o que nossos pais nos ensinaram sobre Jesus Cristo é mentira” (p.223).

Num romance, tal afirmação simplesmente reflete “liberdade de expressão”. Mas ficção não é algo pelo que devamos arriscar nossas vidas.

Darryl Bock, um professor de estudos do Novo Testamento no Seminário teológico de Dallas, fala a respeito de Jesus ter sido casado:

A maioria dos estudiosos acreditou por muito tempo que Jesus foi solteiro . . . Nenhum texto cristão antigo que possuímos, sejam

bíblicos ou extra-bíblicos, indicam a presença de uma esposa durante o ministério de Jesus, sua crucificação ou após a sua ressurreição. Quando os textos mencionam a família de Jesus, sempre se referem à sua mãe, irmãos e irmãs, mas jamais a uma esposa. Além disso, também não há o menor indício de que ele fosse viúvo (*Breaking The Da Vinci Code*, p.41).

Bock segue apresentando três argumentos contra a reivindicação de que Jesus e Maria foram casados:

1. Maria, ao ser mencionada, nunca é associada a um homem (Mateus 27:55-56; Marcos 15:40-41; Lucas 8:2; João 19:25).
2. O direito dos apóstolos ao casamento é mencionado sem referência a Jesus (1 Coríntios 9:4-6).
3. Jesus, na cruz, não deu nenhuma atenção especial a Maria Madalena (João 19:25-27).

A Bíblia nos dá razões convincentes para concluirmos que Jesus e Maria não foram casados, mas, por que devemos confiar mais nas afirmações da Bíblia do que nas afirmações dos Evangelhos Gnósticos e em *O Código Da Vinci*?

Por que devemos confiar nos relatos bíblicos sobre Jesus e Maria? A confiança em qualquer documento da antiguidade depende da sua capacidade de se sustentar sob critérios atestados pelo tempo. Vejamos qual é esse “padrão de autenticidade” e como o Novo Testamento e os Evangelhos Gnósticos se sustentam diante dele.

No mundo antigo grego, Aristóteles questionou os eruditos e as idéias científicas da sua época. Seus conceitos são válidos até hoje. Muito antes da invenção da imprensa, Aristóteles usou critérios racionais para reconhecer a confiabilidade

de um documento antigo. Ele enumerou três parâmetros que suportam o teste do tempo:

1. A pessoa foi uma testemunha ocular do evento registrado?
2. Quantas cópias do registro temos e quão próximas estão do evento que descrevem?
3. Existem outras fontes, além desse documento, que corroboram com as afirmações do mesmo?

Mesmo nos dias de hoje, os historiadores seguem essas diretrizes. Elas permanecem fundamentais para a ciência da crítica textual.

Tais diretrizes nos ajudam a ver algumas das muitas razões pelas quais a credibilidade do Novo Testamento resiste ao teste do tempo. Em comparação, os documentos de Nag Hammadi (Os Evangelhos Gnósticos), foram escritos de 100 a 200 anos depois da vida de Jesus. Tendo sido escritos muito

tempo depois e não tendo conexão com aqueles que conheceram a Jesus, esses documentos refletem doutrinas gnósticas do segundo e terceiro século, em vez de serem um registro das testemunhas do primeiro século.

Em contraposição, o Novo Testamento nos dá relatos de testemunhas oculares, com mais cópias, mais próximos do evento do que qualquer outro documento do primeiro século. Embora os manuscritos mais antigos não sejam completos, a crítica textual é capaz de juntar as evidências. Pequenos fragmentos de texto, como os papiros de Chester Beatty e John Ryland, levam os eruditos a retroceder até a 40 anos após a redação do evangelho de João (F. F. Bruce, *The New Testament Documents — Are They Reliable?* p. 17-18 “Merece Confiança O Novo Testamento?”). Da mesma forma, F. F. Bruce em seu livro *Jesus And Christian Origins*

Outside The New Testament, mostra como os historiadores usam outros documentos antigos para confirmar a credibilidade dos relatos do Novo Testamento.

Mesmo diante de tais evidências, *O Código Da Vinci* pode causar confusão. Ao desenvolver um enredo escrito com habilidade, que combina uma leitura agradável com uma mistura de fatos históricos e ficção, o leitor casual é incapaz de dizer onde a verdade começa e onde termina. Um bom exemplo dessa distorção da história são as afirmações de *O Código Da Vinci* sobre o Imperador Constantino.

O imperador Constantino continuou sendo um pagão por toda a sua vida?

Segundo *O Código Da Vinci*, Constantino “foi pagão a vida inteira, batizado apenas na hora da morte, fraco demais para protestar . . . a religião oficial de Roma

era o culto de adoração ao sol —o culto do Sol Invictus, ou do Sol Invencível— e Constantino era o sumo sacerdote” (p.220).

Mais uma vez, o registro da história é significativamente diferente daquilo que Dan Brown afirma. Conforme o historiador da igreja Kenneth Scott Latourette, Constantino foi um Imperador Romano do quarto século que confessou ter tido uma experiência transformadora que o levou a reverter uma longa política de perseguição aos cristãos. Com o seu Decreto de Milão (313 d.C.), ele concedeu ao Cristianismo a tolerância que outras religiões daqueles dias também tinham.

É verdade que a suposta conversão de Constantino a Cristo é complicada pelo fato de que imperadores romanos eram considerados ambas as coisas: líderes políticos e religiosos do estado.

No senado romano, Constantino foi considerado

sumo-sacerdote do culto ao “Sol Invencível” e também “Pontífice Máximo” (comandante e chefe) dos sacerdotes desta fé.

Apesar dessa mescla de poder político e pagão religioso, a história registra que os interesses de Constantino não eram simplesmente políticos. Até o Decreto de Milão, os cristãos foram considerados inimigos do estado por causa da sua confissão de que Cristo, e não César, é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O batismo de Constantino, pouco antes da sua morte, pode refletir uma fé errônea daqueles dias de que o batismo com água lava os pecados. Há razões para crer que ele protelou o seu batismo até o último momento para tentar se assegurar de que todos os seus pecados foram perdoados.

Foi Constantino responsável pela

concepção de que Jesus é Deus? Segundo Brown, *“Jesus só passou a ser considerado como ‘Filho de Deus’ no Concílio de Nicéia, depois que esse título foi proposto e aprovado por votação”. E “até aquele momento da história, Jesus era visto pelos seus discípulos como um mero profeta mortal . . . um grande e poderoso homem, mas que não passava de um homem. Um mortal”* (p.221-222).

Sem dúvida, Constantino foi uma figura importante na história da igreja que fez mais do que conceder aos seguidores de Cristo a proteção da lei. Ele também foi responsável por convocar o Concílio de Nicéia (325 d.C.) com o propósito de ajudar os líderes das igrejas a chegarem a um consenso com relação à doutrina sobre Cristo.

Este concílio foi realizado porque um presbítero idoso, chamado Ário, negou a plena

divindade de Cristo, proclamando: “Havia uma época quando [Jesus] não era”. Ário argumentou que, se Jesus veio a esse mundo em forma física, ele deveria estar sujeito a mudanças —ao contrário de Deus, seu Pai.

A visão de Ário despertou uma grande controvérsia entre os líderes da igreja que estavam convencidos que os escritos tanto do Antigo como do Novo Testamento mostravam que o Messias que veio a esse mundo, era plenamente divino. A concepção de que Jesus foi Deus-homem não teve seu início com Constantino. Centenas de anos antes de Jesus vir a esse mundo, profetas do Antigo Testamento profetizaram a vinda do Messias como “Deus Poderoso” (Isaías 9:6), “Emanuel” (Isaías 7:14), que significa “Deus conosco” (Mateus 1:23) e “O Senhor” (Salmo 110:1).

Essa visão de Jesus como Deus na carne foi mais tarde

ensinada pelos apóstolos que foram testemunhas oculares de tudo o que Jesus disse e fez.

Conforme o Novo Testamento, essas testemunhas nem sempre chegaram a essa visão de forma fácil. Um deles chamado Tomé, ainda é conhecido como “o que duvida”. Entretanto, depois de se encontrar com o Cristo ressurreto, Tomé confessou: “Senhor meu e Deus meu!” (João 20:28).

Nos nossos dias, as palavras de Tomé podem soar como uma exclamação usual, mas ela reflete a conclusão ponderada dos apóstolos, que registraram o que viram e ouviram. Pedro se dirigiu a Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). E o apóstolo Paulo, depois da sua conversão, conferiu a Jesus, em forma humana, os atributos essenciais de Deus e atribuiu a ele a completa divindade (Filipenses 2:5-11; Colossenses 2:9).

Evidências adicionais mostram que a crença na divindade de Cristo precedeu os dias de Constantino. Nas gerações que se seguiram à era apostólica, a divindade de Cristo foi amplamente aceita pelos pais da igreja. Justino Mártir escreveu em 150 d.C.: “[Jesus é] a primeira Palavra unigênita de Deus, ele é Deus”. Em 185 d.C., Irineu proclamou que Jesus de Nazaré é “nosso Senhor e Deus e Salvador e Rei”. Clemente de Alexandria (200 d.C.) disse que Jesus foi “verdadeiramente a maior manifestação da Deidade, ele que foi feito à semelhança do Senhor do universo”.

A conclusão do Concílio de Nicéia, convocado por Constantino, de que Jesus Cristo foi “Verdadeiro Deus de verdadeiro Deus”, tinha profundas raízes nas Escrituras e na história. Também é importante saber que Constantino não liderou o Concílio, mas serviu como

conselheiro para a reconciliação e o acordo entre os membros (*The Truth Behind The Da Vinci Code*, Abanes, p.37; *Breaking The Da Vinci Code*, Bock, p.101-102; *Christendom Volume 1*, Bainton, p.97-98).

Mesmo que Constantino não tivesse projetado a divindade sobre o homem Jesus, mas tivesse apenas cooperado para que o Concílio chegasse a um consenso sobre a natureza divina de Cristo, será que ele não foi o responsável pela destruição de documentos legítimos que deveriam ter sido incluídos na Bíblia?

Constantino interferiu no conteúdo da Bíblia? O “perito” Dan Brown diz: “A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi uma colagem composta pelo imperador romano Constantino, o Grande” (p.220). Ele continua: “Como Constantino promoveu Jesus à divindade quase quatro séculos depois da sua morte, existem

milhares de documentos contendo crônicas da vida dele como homem mortal. Para reescrever os livros de história, Constantino sabia que ia precisar tomar uma iniciativa ousada. Surgia naquele momento o fato crucial para a história cristã . . . Constantino mandou fazer uma Bíblia novinha em folha, que omitia os evangelhos que falavam do aspecto humano de Cristo e enfatizava aqueles que o tratavam como divino. Os evangelhos anteriores (Gnósticos) foram considerados ilegais, reunidos e queimados” (p.222-223).

Uma vez mais, contudo, o registro da história é diferente. Não há evidências de que Constantino tivesse ordenado que qualquer evangelho Gnóstico fosse queimado. O que foi queimado foram os papéis de Ário, considerados pelo Concílio de Nicéia como heréticos. Essa destruição de documentos diz mais sobre a defesa da igreja da doutrina de

Cristo, do que sobre a origem do Novo Testamento.

O reconhecimento informal das escrituras do Novo Testamento já estava bem encaminhado muito antes de Constantino. E o reconhecimento formal do Novo Testamento, como o temos hoje, ocorreu 72 anos depois no Sínodo de Cartago (397 d.C.). Portanto, apenas décadas depois de Constantino, ocorreu a ratificação dos livros oficiais da Bíblia (*A Timeline Of Church History*, Conciliar Press).

Quem nos dá uma melhor “cadeia ininterrupta de conhecimento”: O Código Da Vinci ou o Novo Testamento?

O Código Da Vinci reivindica ter “uma cadeia ininterrupta de conhecimento” que remonta até ao Antigo Testamento. O Novo Testamento também afirma estar enraizado nas escrituras judaicas. Mas qual dos dois se ajusta,

24

como a mão na luva, com Moisés e os Profetas?

Dan Brown tenta unir seu “conhecimento secreto” aos primórdios do Judaísmo com essa afirmação chocante: *“O conceito de sexo como caminho para Deus era mesmo um tanto espantoso, a princípio. Os alunos judeus de Langdon sempre ficavam estupefatos quando ele lhes contava que a tradição judaica primitiva envolvia o sexo ritualístico. Dentro do Templo, nada menos que isso. Os primeiros judeus acreditavam que o Santo dos Santos do Templo de Salomão abrigava não só Deus como também sua poderosa consorte feminina, Shekinah . . . O tetragrama judaico YHWH —o nome sagrado de Deus— na verdade derivava de Jeová, uma união física andrógina entre o masculino, Jah, e o nome feminino pré-hebraico de Eva, Havah”* (p.291-292).

Tais conceitos soam eruditos quando mencionados

por um professor de ficção e simbologia de Harvard. Eles também podem enganar quando vêm da caneta de alguém que está tentando reescrever a história ao declarar que Deus tem prazer nas práticas pagãs dos antigos cultos de fertilidade. Todavia, esse é um outro exemplo no qual os fatos são diferentes. Os pesquisadores Carl Olson e Sandra Miesel, observam:

O nome “Jeová” nem sequer existiu até o século treze, e não era comum até o século dezesseis. Este nome foi criado pelos judeus, combinando artificialmente as consoantes YHWH (ou JHVH) com as vogais de Adonai (que significa “Senhor”) para substituir o nome YHWH do Antigo Testamento. A palavra hebraica (não pré-hebraica) para Eva é hawwâ (pronunciada “havah”), que significa “mãe de todos os viventes” (www.davincihoax.com).

Brown, por sua vez, usa as suas próprias suposições para fazer reivindicações sem justificativa acerca do significado e da origem de palavras hebraicas. O leitor é induzido a aceitar palavras de Robert Langdon, uma autoridade fictícia na área, que tenta unir a adoração de Israel aos antigos cultos de fertilidade, característicos dos vizinhos de Israel. Observe a diferença na definição dada por eruditos hebreus no livro *Theological Wordbook Of The Old Testament*.

Provavelmente o nome [YHWH] deveria ser traduzido como “Eu sou aquele que é” ou “Eu sou o que existe”. . . Mais do que tudo, talvez, o “Eu Sou” de Deus é expressão de ambas as coisas: a sua presença e sua existência (p.214).

A auto-descrição de Deus no Antigo Testamento é que ele é um Deus pessoal e auto-existente. Mas por que isso é importante? Os hebreus

antigos estavam rodeados por povos pagãos que adoravam muitos deuses e deusas, ofereciam seus filhos como sacrifícios e se envolviam em rituais de sexo e outras formas de depravação moral. Essas formas de adoração foram condenadas pelos profetas. De fato, um governante de Israel ou Judá, era muitas vezes elogiado ou condenado conforme aceitava ou rejeitava tais cultos pagãos (1 Reis 15-16).

Todavia, *O Código Da Vinci* diz que a forma original do Judaísmo era politeísta, com adoração de deusas e rituais sexuais. Colocar tais práticas pagãs dentro do Santo dos Santos teria sido uma violação blasfema da lei mosaica.

O Código Da Vinci contradiz o testemunho das escrituras hebraicas. E o que dizer do Novo Testamento? Será que ele apresenta um quadro de continuidade em relação ao Antigo Testamento? Os escritos de Paulo, Pedro, Tiago, João e Judas junto com

os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João citam múltiplas fontes do Antigo Testamento para basear seu ponto de vista acerca de Cristo. Eles constroem sobre o testemunho dos profetas judeus, que anteciparam a vinda de um Libertador que nasceria de uma virgem (Isaías 7:14; Mateus 1:18,24-25). Esse Messias iria nascer em Belém (Miquéias 5:2; Lucas 2:4-7). Mesmo sendo um rei, entraria em Jerusalém humilde e montado num jumento (Zacarias 9:9; Mateus 21:6-11). Até mesmo o fato do Messias ser traspassado e morto foi profetizado séculos antes da invenção da crucificação como forma de execução (Isaías 53; Zacarias 12:10; Mateus 27).

O triunfo do Messias sobre a morte pela ressurreição, também foi profetizado (Salmo 16:10; Isaías 53:10; Atos 2:31). O cumprimento destas profecias messiânicas é somente uma parte de um grupo muito maior de elementos de continuidade

que também se cumpriram na pessoa singular de Jesus de Nazaré.

Muitos observaram através dos séculos que “o Novo Testamento está contido no Antigo Testamento e o Antigo Testamento está explicado no Novo Testamento”. Eles se encaixam um no outro como a mão na luva —uma correspondência impossível de ser inventada.

Os “vencedores” reescrevem a história para adaptá-la aos seus propósitos?

O perito “caçador do Graal” de Dan Brown conta para Sophie: *“A história sempre é escrita pelos vencedores. Quando duas culturas entram em conflito, o perdedor é obliterado, e o vencedor escreve a história —livros que glorificam sua própria causa e menosprezam a do inimigo perdedor. Como Napoleão disse certa vez: “O que é a história, senão uma fábula sobre a qual todos concordam?” (p.242)*

Um problema com relação à observação do livro de que o imperador Constantino reescreveu a história, é que Constantino não poderia ter coletado e alterado os fatos da história que o precederam.

Documentos antigos, que incluem, mas que não se restringem ao Novo Testamento, contam a história de testemunhas que viram as Escrituras do Antigo Testamento se cumprirem em Cristo, testemunhas que estavam dispostas a sofrer e morrer pelo que viram na vida, morte e ressurreição de Cristo. Essas testemunhas viveram e morreram apesar do poder de Roma e não por causa dele. Na maioria dos anos que precederam Constantino, eles foram um povo odiado e perseguido (1 Coríntios 1:26-31). Os seguidores de Cristo eram os excomungados da sociedade. Eram testemunhas pobres e impotentes da história de Cristo, não

“os vencedores” como Brown alegou.

SEPARANDO OS FATOS DA FICÇÃO FÁBULAS ENGENHOSAMENTE INVENTADAS

Os primeiros apóstolos de Cristo sabiam a diferença entre fato e ficção. O escritor do Novo Testamento que conhecemos como apóstolo Pedro, escreveu:

De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade (2 Pedro 1:16).

Pedro afirmou que a fé cristã histórica não se apóia em histórias habilmente inventadas sem base em fatos. “Engenhosamente inventadas” poderia ser traduzido literalmente como “forjados

astuciosamente pela perspicácia humana”.

O *Theological Dictionary Of The New Testament* faz a seguinte observação:

Alguns ensinamentos não especificados do Gnosticismo são mencionados em 2 Pedro 1:16, mas a admoestação é, de forma geral, para evitar contato com todas as doutrinas falsas, as quais somente transmitem mitos e não a realidade da revelação.

Observe que esse dicionário bíblico identifica as “fábulas engenhosamente inventadas” como sendo os ensinamentos e mitos gnósticos que não são consistentes com os eventos registrados nas Escrituras.

A palavra *fábula*, literalmente, é *mythos*, de onde derivamos a palavra mito. Outros comentaristas também vêem uma conexão entre a afirmação de Pedro com os ensinamentos gnósticos. Por exemplo:

A referência aqui pode ser . . . a especulação gnóstica sobre eternidades ou emanções que surgiram do abismo eterno (Vincent and Wuest).

Isto não significa que toda ficção ou mito seja errado. Alguns mitos antigos, tais como as fábulas de Esopo e as parábolas de Zen resistiram ao teste do tempo como lições morais fictícias. Não foram escritos como se fossem fatos históricos, mas para ilustrar princípios que falam ao coração humano. Da mesma forma, romances bem escritos podem usar a imaginação junto com um pano de fundo histórico para contar uma história emocionante e compreensiva. Entretanto, *O Código Da Vinci* altera os fatos da história para promover um retrato gnóstico e irreal de Jesus. O resultado é uma “fábula engenhosamente inventada” que se tornou um best-seller.

DISTORÇÃO DA VERDADE

O Novo Testamento adverte:

O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios (1 Timóteo 4:1).

Através dos séculos, o que Paulo chamou de “doutrinas de demônios” têm competido com a verdade para ganhar as mentes e os corações de cada geração.

Em 1942, um erudito e apologista cristão de Oxford, chamado C. S. Lewis, tentou imaginar as intenções e estratégias de tais demônios num livro chamado *“Cartas Do Diabo Ao Seu Aprendiz”*. Trata-se de uma coletânea de cartas fictícias de um demônio veterano, chamado Screwtape, escritas a um demônio novato chamado Wormwood, que é seu sobrinho e protegido. Screwtape dá ao seu sobrinho conselhos sobre como usar mentiras e enganos para

impedir o jovem, que lhe estava designado, de ver a verdade a respeito do “inimigo”.

Em um diálogo, Screwtape encoraja Wormwood a confundir seu “paciente” a respeito do verdadeiro Jesus, usando a idéia de um “Jesus histórico”. Screwtape diz:

Na última geração nós promovemos a construção de um “Jesus histórico” com linhas liberais e humanitárias, agora estamos incentivando a construção de um novo “Jesus histórico” com linhas marxistas e revolucionárias. As vantagens dessas construções, que queremos mudar, mais ou menos, a cada trinta anos, são múltiplas. Em primeiro lugar, todas elas tendem a direcionar a devoção dos homens para algo que não existe, pois cada “Jesus histórico” não é histórico. Os documentos [Os Evangelhos do Novo Testamento] dizem o que

dizem e nada pode ser acrescentado a eles. Portanto, cada novo “Jesus histórico”, tem que ser excluído [das Escrituras] e isso ocorre, por um lado, pela supressão e por outro lado, pelo exagero. (p.123-124)

O Jesus de *O Código Da Vinci* é um desses supostos “Jesus históricos”. O livro chama Jesus de um homem maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, nega que ele foi algo mais do que isso. O caçador fictício de Brown, por exemplo, diz: Ninguém aqui está dizendo que Cristo foi uma fraude, nem negando que Ele tenha passado pela Terra e inspirado milhões de pessoas a levar vidas melhores. Só estamos afirmando que Constantino tirou vantagem da substancial influência e importância de Cristo. E, ao fazer isso, moldou a face da cristandade como a conhecemos hoje em dia (p.222).

Como vimos, não há evidências de que Constantino

tenha tentado alterar o registro das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. E pela maneira como as Escrituras foram copiadas e distribuídas, Constantino não poderia ter alterado os registros bíblicos existentes, mesmo que o quisesse fazer.

Qualquer um que diz que Jesus foi um bom mestre —mas não Deus e Salvador— pode somente fazer isso ignorando ou rejeitando as evidências. Os profetas judeus, as testemunhas apostólicas oculares, os pais da igreja e centenas de milhões de pessoas, nos últimos 2.000 anos, seguiram a Cristo e encontraram nele a verdade.

Pelo contrário, *O Código Da Vinci* mistura ficção com fatos históricos distorcidos, faz referência a escritos do segundo e terceiro século de reconhecidos inimigos da igreja, elabora uma teoria conspiratória e reivindica, sem provas, “documentos genealógicos” que nunca foram encontrados.

A verdade a respeito de Cristo é bem mais impressionante do que uma ficção —e digna de muito mais credibilidade.

EXAMINE OS ESPÍRITOS

O discípulo que sentou-se mais próximo de Jesus na Última Ceia nos deixou um evangelho e três pequenas cartas de instrução espiritual. Muitos eruditos do Novo Testamento crêem que, na sua primeira carta, João tinha em vista uma forma antiga de Gnosticismo, quando escreveu:

Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que

*não confessa Jesus não
procede de Deus. Esse é o
espírito do anticristo, acerca
do qual vocês ouviram que
está vindo, e agora já está no
mundo. Filhinhos, vocês são
de Deus e os venceram,
porque aquele que está
em vocês é maior do que
aquele que está no mundo
(1 João 4:1-4).*

A confiança de João em
Cristo é tão convincente hoje

***Eu sou
o caminho, a
verdade e a vida.
Ninguém vem
ao Pai, a não
ser por mim.***
—João 14:6

como foi outrora. Ele conheceu
a Jesus não somente como
um amigo maravilhoso (João
21:20-24), mas como o Criador
do mundo (João 1:1- 3),
32

como aquele que disse: “Eu
sou o caminho, a verdade e a
vida. Ninguém vem ao Pai, a
não ser por mim” (João 14:6).

SUGESTÃO DE LEITURA

*Quebrando O Código
da Vinci*, de Darrell Bock
(Editora Novo Século, 2004).

*Desmascarando O Código
da Vinci*, de James L.Garlow e
Peter Jones (Santos Editora).

*A Fraude Do Código
da Vinci*, de Erwin W. Lutzer
(Editora Vida)

*Merece Confiança
O Novo Testamento?*, de F. F.
Bruce (Editora Vida Nova)